



**ELES PENSADOS POR ELAS:**  
**resistência periférica nas vozes do Racionais MC's a partir do feminismo negro**

BLACK MEN THROUGH BLACK WOMEN'S LENS:  
peripheral resistance in the voices of Racionais MC's through black feminism

Maria Fernanda de Oliveira Ruas

 <https://orcid.org/0009-0008-5019-8963>

 [doi.org/10.70446/ephemera.v8i16.8161](https://doi.org/10.70446/ephemera.v8i16.8161)

**Eles pensados por elas:**

**resistência periférica nas vozes do Racionais MC's a partir do feminismo negro**

**Resumo:** Este artigo propõe uma leitura da obra dos Racionais MC's a partir das contribuições de autoras feministas negras, como bell hooks (2019; 2022), Audre Lorde (2019), Patricia Hill Collins (2019) e Saidiya Hartman (2022), que oferecem ferramentas teórico-metodológicas para a valorização de saberes produzidos nas margens. A análise parte da construção de subjetividades negras atravessadas pelo racismo, discute o *rap* como instrumento de empoderamento político e aborda a fabulação crítica como prática contra-histórica. Ancorada no documentário “Racionais: Das Ruas de São Paulo pro Mundo”, a reflexão evidencia como o grupo articula narrativas que denunciam violências estruturais e afirmam possibilidades de existência e consciência política entre jovens negros periféricos.

**Palavras-chave:** *hip hop*; feminismo negro; resistência; Racionais MC's; territorialidade; cultura periférica.

**Black Men Through Black Women's Lens:**

**peripheral resistance in the voices of Racionais MC's through black feminism**

**Abstract** This article proposes a reading of the work of the Racionais MC's based on the contributions of black feminist authors such as bell hooks (2019; 2022), Audre Lorde (2019), Patricia Hill Collins (2019) and Saidiya Hartman (2022), who offer theoretical and methodological tools for valuing knowledge produced in the margins. The analysis starts from the construction of black subjectivities crossed by racism, discusses rap as an instrument of political empowerment and addresses critical fabrication as a counter-historical practice. Anchored in the documentary “*Racionais: Das Ruas de São Paulo pro Mundo*” (Racionais MC's: From the Streets of São Paulo), the reflection highlights how the group articulates narratives that denounce structural violence and affirm possibilities for existence and political awareness among young blacks from the periphery.

**Keywords:** Hip Hop; black feminism; resistance; Racionais MC's; territoriality; peripheral culture.



## 1 Introdução

A obra do Racionais MC's, grupo de grande notoriedade no cenário do *rap* brasileiro, carrega uma potência narrativa que atravessa e aciona as realidades sociais e culturais das periferias urbanas do país. Fundado em 1988, o grupo tem como membros Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown), Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue), Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kléber Geraldo Lelis Simões (KL Jay).

Conforme indica Tiarajú Pablo D'Andrea (2023) em suas produções, eles trabalham muitos dos problemas que tomam as realidades de bairros periféricos. Na sua leitura, o autor nos conta que tais territórios são o pano de fundo para a maioria esmagadora das histórias contadas. Ainda para ele, ao propor a visibilidade da periferia no contexto da década de 1990, o grupo tinha múltiplos propósitos, como revelar o extermínio dos jovens negros periféricos, expor a violência policial presente nesses espaços, desafiar os estigmas promovidos pela elite e pelos programas populares de televisão e, assim, superar a invisibilidade que acometia as periferias, ao passo em que visava a demonstrar a potencialidade dos sujeitos que moram ali.

O gesto protagonizado pelo Racionais vai ao encontro com uma série de outras expressões que dizem respeito à mobilização social histórica de comunidades negras (Gonzalez, 2020). Como nos explica Lélia Gonzalez (2020), temos, na segunda metade da década de 1970, a consolidação do Movimento Negro Unificado (MNU), que aparece pautado por reivindicações que tematizam o enfrentamento ao racismo e às desigualdades que se estabelecem a partir dele. Ainda para a autora, mulheres negras desempenharam um papel importante nessa articulação, ao passo em que, frente às suas experiências políticas triplamente marginalizadas (raça, classe e gênero) e a não contemplação da inteireza de suas demandas em movimentos feministas clássicos ou no MNU, essas sujeitas também se mobilizam internamente, dando luz ao Movimento de Mulheres Negras, em contexto brasileiro.

Embora diga de uma ótica norte-americana, ao refletir sobre a potencialidade do conhecimento produzido por feministas negras, Patricia Hill Collins (2016) nos apresenta um conceito relevante para pensar a condição dessas mulheres na participação em diferentes grupos de intelectualidades marginais: *outsiders within*<sup>1</sup>. Ao trazer à tona esse grupo – assim como outros que compartilham um *status* similar de *outsider* – Collins (2019) nos chama atenção para a possibilidade de leituras que denunciavam aspectos da realidade que frequentemente são negligenciados por abordagens mais convencionais (Collins, 2016). Com base nessa interpretação, este artigo busca refletir: como

---

<sup>1</sup>Guimarães-Silva (2023, p. 42) nos ajuda a compreender esse termo, ao traduzi-lo para “estrangeira de dentro”. A professora explica que podemos compreender as *outsiders* enquanto pessoas que circulam bem em um grupo hegemônico, mas que não necessariamente são parte que o constitui em sua essência – lembrando que o estrangeiro é o “de fora”. Tomemos como exemplo as trabalhadoras domésticas. Apesar de, por vezes, prestarem serviços às casas que as contrataram por muitos anos, elas são comumente associadas a pessoas “quase da família”. São sujeitas que estão ali, mas não são parte dali. Esse lugar de Outro oferece a essas mulheres uma perspectiva diferente do desenrolar das relações sociais de poder estabelecidas nesse espaço.



autoras feministas negras podem contribuir com uma leitura da obra do grupo, considerando suas falas e, também, leituras acerca dos contextos em que eles estão inseridos?

Para tal, considerando que pensadoras do feminismo negro têm dispensado uma energia considerável na luta pela valorização da produção de saberes, a partir das margens, compreendemos que as autoras acionadas para a construção deste artigo nos proporcionam um arsenal relevante de chaves teórico-metodológicas sensíveis e aplicáveis ao trabalho do grupo de *rap* Racionais Mc's, ao passo em que suas produções também encabeçam eixos estratégicos relevantes na desestabilização da ordem colonial (Rodrigues; Nunes; Barros, 2021).

Com isso em mente, temos aqui um percurso que perpassa a importância da experiência para o feminismo negro e o diálogo das vivências dessas mulheres com os de outros grupos sociais. Desse modo, pensaremos sobre como a maternidade e a infância masculina são assuntos relacionados e do interesse dessas pesquisadoras (hooks, 2022) e, em seguida, compreenderemos sobre a juventude que a masculinidade, moldada pelo racismo, tende a criar. Pensando na necessidade de expressão desses jovens, discutiremos o *hip hop* (hooks, 2019) e a importância da poesia (Lorde, 2019), fundamental para o *rap*. Por fim, passamos pela fabulação crítica (Hartman, 2022), enquanto um procedimento metodológico contra-histórico e de resistência das narrativas marginais. Metodologicamente, elaboramos um procedimento que considera a construção das subjetividades desses sujeitos (hooks, 2022), o empoderamento de suas existências (Collins, 2019) e a fabulação (Hartman, 2022) das leituras dos cenários aos quais eles estão inseridos.

A partir disso, propomos uma análise que se fundamenta em um trecho do documentário “Racionais: Das Ruas de São Paulo pro Mundo”, lançado pela Netflix em novembro de 2022 e dirigido por Juliana Vicente. Ao fim, apresentamos nossas considerações finais.

## **2 Enfrentando o racismo com poesia: chaves teórico-analíticas ofertadas pelas intelectuais do feminismo negro**

Patrícia Hill Collins (2019) explica que “a jornada das mulheres negras passa à compreensão de como nossas vidas pessoais têm sido fundamentalmente moldadas por opressões de raça, gênero, sexualidade e classe que se interseccionam” (p. 25), ou seja, falamos de vivências coletivas, quando consideramos o racismo um marcador no centro da nossa experiência.

Nesse caminho, com os olhares voltados para os modos de existir/resistir e as epistemologias propostas por mulheres negras, recorreremos ao que Ângela Figueiredo (2020) sugere, ao afirmar que a experiência aparece como um termo fundamental para pensar a “epistemologia insubmissa feminista negra decolonial”, que propõe a valorização dos saberes construídos no cotidiano e pensar a potencialidade dos conhecimentos produzidos pelas margens. Para a autora, a máxima de que “o pessoal é político” mostra a conexão entre experiência pessoal, individual e coletiva.



Desse modo, destaca-se, aqui, a experiência vivida como uma fonte importante de conhecimento e arquivo.

Em diálogo com essa afirmação, Silvana Bispo (2011) nos conta que autoras como Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez vêm, há décadas, denunciando incisivamente a situação de vulnerabilidade, marginalização e violência que a comunidade enfrenta. Para a pesquisadora, mulheres negras dedicam suas vidas a diversas formas de ativismo político, na tentativa de promover o benefício coletivo, ocupando espaços como de “lideranças comunitárias, associações de trabalhadoras domésticas, organizações de mulheres, de quilombolas, líderes espirituais, professoras, sindicalistas, cantoras, ativistas, atrizes, pesquisadoras, escritoras, entre outras” (Bispo, 2011, p. 120).

Nesse sentido, elas reconhecem e enfrentam os desafios impostos pelo aniquilamento de seus corpos e dos que as cercam (Bispo, 2011), “em casa”: em suas igrejas, bairros, comunidades... É inegável a potencialidade política da ocupação desses espaços, considerando, principalmente, sua função formativa e emancipatória. A partir disso, Bispo (2011) entende que o empoderamento, para elas, não se restringe apenas às mulheres, mas tem impacto e relevância em toda a coletividade, já que o racismo afeta todos, mesmo que de maneiras distintas, quando somado a outros marcadores.

Então, quando observamos a periferia pela ótica dessas sujeitas, inevitavelmente, precisamos nos debruçar sobre outros grupos que, quer queira quer não, constituem intimamente seus cotidianos e relações. Quando pensamos os homens e meninos negros, não há como desarticular suas demandas das dessas mulheres, na medida em que eles são seus filhos, parceiros, familiares e, muitas vezes, agressores. A maternidade aparece enquanto uma das questões fortemente consideradas, quando pensamos o feminismo negro (Carneiro, 2003) e, junto a isso, nos parece importante pensar a construção da infância dessas crianças. Para Bispo (2011), não é possível lutar pela autonomia das mulheres negras sem abordar as questões que também marginalizam os homens afetados pelo racismo. Esse nexo teórico se torna ainda mais intrigante, quando consideramos o enfrentamento às violências raciais que alcançam jovens negros como uma das principais articulações do feminismo negro.

De acordo com bell hooks (2022), garotos negros tendem a ser expostos à ideia de que vivem em um mundo hostil, que não deseja seu sucesso e que está determinado a garantir seu fracasso. Ela conta ainda que a mídia, sobretudo, mobiliza informações deste tipo frequentemente. No entanto, antes mesmo de serem impactados por tal influência, a maioria desses meninos já enfrenta violências emocionais, em casa e na escola (hooks, 2022), pois são diariamente humilhados e, em nossa cultura, só há uma preocupação mínima com o bem-estar desses sujeitos quando menores cometem atos graves de violência. Ainda, hooks (2022) ressalta que a violência cometida por meninos brancos tende a ser vista como um problema psicológico que pode ser tratado, enquanto os meninos negros que agem da mesma forma são frequentemente rotulados como criminosos e punidos severamente<sup>2</sup>.

---

2 Podemos entender melhor sobre isso quando olhamos, por exemplo, para o Caso Marcus Vinícius, no qual um menino de 14 anos foi assassinado pela polícia quando ia para escola uniformizado. Além de ser associado a um traficante – o que nos é particularmente interessante aqui –, chama atenção, também, um relato de sua mãe, Bruna da Silva, em uma



Dessa forma, meninos negros, mais do que qualquer outro grupo de crianças, são pressionados a abandonar sua infância, para dar vazão à construção de uma subjetividade encarnada na forma de uma masculinidade patriarcal que é difícil de alcançar (hooks, 2022), mas que surge mutada com genes das condições e possibilidades de cada contexto. Quando consideramos crianças e adolescentes que cresceram abandonados pelo poder público, na periferia de São Paulo, nos anos de 1980, a violência, as drogas e o trabalho prematuro se mostram acessíveis e sedutores.

Em diálogo com esse argumento, no que diz respeito à linha de chegada da produção dessa juventude, hooks (2019) explica que, em espaços vulneráveis, os corpos reais dos homens negros são frequentemente alvo de crueldade, seja pela violência racista branca, pela violência intracomunitária, pelo excesso de trabalho ou pelos efeitos dos vícios e/ou doenças. Ela conta que esses indivíduos enfrentam desafios consideráveis ao tentarem articular e reconhecer suas próprias dores, já que carecem de espaço público e de um discurso social que os autorize a discutir suas experiências, impressões e conhecimentos de forma adequada. O *hip hop* aparece, então, como um recurso capaz de os acolher e que permite trocas entre semelhantes.

Apesar de reconhecer a importância da cultura *hip hop*, hooks (2019) explica que, quando jovens negros ganham visibilidade através de expressões culturais como o *rap*, não necessariamente eles obtêm um meio para explorar suas angústias. Embora esses nichos culturais frequentemente abordem temas de resistência ao racismo, eles também têm a capacidade de perpetuar estereótipos da masculinidade negra, de forma centrada no poder e no prazer, às vezes em detrimento de questões mais relacionadas aos modos em que se dão a construção de suas identidades (hooks, 2019). A autora pontua que o surgimento do *rap* e do *break* em comunidades marginalizadas dizem de uma tentativa de ganhar reconhecimento e voz pública, mas, muitas vezes, essas expressões são utilizadas para reproduzir machismo e misoginia<sup>3</sup>, reforçando um paradigma patriarcal de masculinidade hegemônica, que busca afirmar poder, enquanto minimiza as narrativas críticas dos homens negros e suas vivências.

---

entrevista para a *influencer* e comunicadora, Gabi Oliveira. Ela conta que, após ser baleado, no caminho para o hospital e nas suas últimas horas de vida, o menino ficou agarrado à sua mochila, com grande preocupação de que a polícia a encontrasse e plantasse drogas ali. Isso diz de um “protocolo” de existência, uma história que foi repetidamente contada, que produz “modos” de comportamento que nem em um leito de morte deixam de ser exigidos desses garotos. Ver: A LUTA DE UMA MÃE CONTRA AS FAKE NEWS. Gabi Oliveira – De Pretas. [S. l.: s. n.], 18 ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=128mlvxS-tc>. Acesso em: 08 out. 2025.

3 A música “Mulheres Vulgares”, do disco *Holocausto Urbano* (1990), do Racionais MC's, evidenciou uma visão do grupo. A canção não é mais parte do repertório do grupo, mas segue disponibilizada em todas as plataformas ocupadas por sua discografia. Ao ser questionado sobre esse tema, Mano Brown disse à jornalista Anna Virginia Balloussier, em uma entrevista para a *Folha de S. Paulo*: “Tem música que eu não canto mais. Outro dia tocou uma, e eu: ‘paaaaara, vamos ser linchados, se liga no momento do Brasil! As negona vão me matar amanhã, a gente não pode nunca mais falar essas coisas’”. Ele adicionou: “Veja bem, passaram 25 anos, me perdoe, eu era apenas um garoto, era um outro Brasil, eu não tinha uma filha. A gente tinha uma visão realmente machista”. Desse modo, podemos observar que existe, sim, uma autocritica, que surge como um efeito da reivindicação de respeito demandada pelo Movimento de Mulheres Negras Brasileiras. Balloussier, Ana Virgínia. ‘Tem música que não canto mais’, diz Mano Brown sobre letras machistas, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 dez. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/12/1942874-tem-musica-que-nao-canto-mais-diz-mano-brown-sobre-letras-machistas.shtml>. Acesso em: 12 out. 2024.



No trabalho do Racionais MC's, podemos encontrar traços de um machismo que aparece eventualmente e que se mostra nas presenças e nas ausências de discussões acerca dos papéis de mulheres negras em suas vidas. Tanto no documentário, quanto em sua vasta obra, o grupo se mostra muito grato e próximo às mulheres que desempenharam o cuidado para com eles: às suas mães, à produtora, à empresária... Em sua obra, em conjunto, há mais menções às mães e, no documentário, às demais mulheres. Mas, será que o valor das mulheres negras pode ser medido apenas pelo cuidado que elas desempenham em suas vidas?

No documentário, em momento algum são mencionadas as parceiras românticas dos membros do Racionais, mesmo que Eliane Dias, além de empresária, seja esposa de Brown há mais de três décadas, ou seja, desde quando eles ainda não tinham visibilidade, nem dinheiro. Ainda, todos os membros do grupo possuem filhos e são raras as informações e menções às mulheres que se encarregaram de cuidar dessas crianças, para que eles pudessem trabalhar.

Diante da atenção quase exclusiva dada às mães (no caso do Mano Brown e do Ice Blue, solo) na obra do grupo, cabe a nós perguntarmos: será que o cotidiano desses homens não é fundamentalmente atravessado pela ação dessas mulheres? Será que o sexismo, alinhado ao racismo, não passou diante dos seus olhos, em seus *shows*, nos seus bairros, no contato com os “*boys*”, na escola? Quando observadas as vizinhas, as amigas, primas? Será que as empregadas domésticas sumiram do horizonte do Racionais? Precisamos reconhecer que existe uma limitação e um apagamento refletidos na representação dessas mulheres em suas letras.

Porém, mesmo com a necessidade de atenção a esses pontos, hooks (2019) afirma que o *rap* é capaz de estabelecer uma arena onde jovens negros podem reivindicar espaço e visibilidade e contar suas próprias histórias, mesmo que seja dentro dos limites de um ambiente social que, frequentemente, os nega reconhecimento e dignidade.

Nesse mesmo caminho, Audre Lorde (2019), ao compreender a poesia “como iluminação, pois é através da poesia que damos nome àquelas ideias que – antes do poema – não têm nome nem forma, que estão para nascer, mas já são sentidas” (p. 45), entende o fragmento da experiência como fonte da verdadeira poesia, que origina o pensamento, assim como o sonho gera o conceito, a sensação dá origem à ideia e o conhecimento à compreensão.

Esse apontamento é especialmente interessante no nosso trabalho, por estarmos inseridos em um *corpus* muito íntimo da poesia, já que conversamos com cantores de *rap* (que reúnem o ritmo à poesia). Segundo Lorde (2019), conforme aprendemos a ser mais tolerantes com a intimidade da investigação e aceitamos as transformações que ela promove, assim como aprendemos a utilizar os frutos dessa investigação para nos fortalecer, medos que dominam nossa existência e impactam na construção dos nossos silêncios começam a perder sua influência sobre nós. Neste contexto, a autora explica que a poesia extrapola a linguagem, se apresentando como a intensa destilação da experiência humana:





Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valemos para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias (Lorde, 2019, p. 47).

A autora aponta que há a possibilidade de aprendermos a respeitar nossos sentimentos e expressá-los em palavras e, nesse sentido, onde ainda não há a maturação dessa linguagem, é a poesia que contribui para moldá-la. A poesia não se limita ao sonho e à imaginação; ela é a bússola que nos direciona para um horizonte que colore e, muitas vezes, narra a experiência de nossas vidas (Lorde, 2019). Ela estabelece as bases para a transformação, servindo como uma ponte sobre o medo do desconhecido e do apagado:

Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra nos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria uma linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade (Lorde, 2019, p. 48).

Então, para a autora, “na linha de frente da nossa passagem à mudança existe apenas a poesia para aludir à possibilidade tornada real. Nossos poemas articulam as implicações de nós mesmas [...], nossos medos, nossas esperanças, nossos mais íntimos terrores” (Lorde, 2019, p. 48). Desse modo, compreendemos a fala, a arte, a expressão, o aparecimento, a intimidade, a segurança como fatores indispensáveis para pensar o enfrentamento do dispositivo de racialidade. Com a somatória desses elementos, é muito mais viável a construção de sujeitos empoderados, críticos e mobilizados para a construção e elaboração de um mundo (micro e, quem sabe, macro) mais equitativo e respeitoso.

Pensando a experiência como chave e a poesia enquanto um lugar capaz de potencializar a expressão, que produz registro e, também, história, cabe mencionar o conceito de “fabulação crítica”, proposto por Saidiya Hartman (2022). A autora nos apresenta um método que visa a amparar aqueles que se empenham em narrar a história de pessoas marginalizadas, subalternas e escravizadas. Para a historiadora, esses sujeitos precisam confrontar o poder e a autoridade dos arquivos, assim como os limites que estes impõem sobre o que é possível conhecer, sobre quem é considerado relevante e quem carrega o peso e a legitimidade de ser agente histórico.

Hartman (2022) buscou meios de apurar como se deu a vida das mulheres as quais ela se dispõe a falar e, ao recorrer aos documentos disponíveis para apuração, ela se deu conta de que essas mulheres eram sempre retratadas como um problema. A partir disso, ela nos oferece uma contranarrativa que existe longe dos julgamentos e categorias que as condenaram à vigilância, punição e opressão. A autora nos apresenta relatos sobre a beleza dos experimentos das que fazem do viver uma arte – projetada pelas que frequentemente são vistas como promíscuas, selvagens e rebeldes. Então, nos oferta com um recurso capaz de recuperar o território insurgente, resgatar a verdadeira rebelião (não) registrada nos autos.





Ela explica que o princípio que norteia sua obra é o de que “jovens negras foram as pensadoras radicais que imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e nunca deixaram de considerar como o mundo poderia ser de outra forma” (Hartman, 2022, p. 13). Se os “de fora” chamam de “gueto” as ruas e vielas que formam o universo delas, pelos seus olhos, há simplesmente o lugar onde vivem (Hartman, 2022). O bairro é lido como um emaranhado escuro, ao passo em que também materializa uma cidade africana, o quarteirão negro, a zona nativa (Hartman, 2022).

Apesar de dizer de um outro contexto histórico e social, Racionais MC's faz um trabalho que se aproxima do de Hartman (2022). Pensemos sobre isso. A historiadora diz de um contexto no qual a construção dessas zonas negras periféricas ocorre de modo muito marcado pela segregação racial e pelo estabelecimento de áreas destinadas escancaradamente a essas pessoas<sup>4</sup>. No Brasil, a construção das periferias se dá com mais “sutilidade racial”, ainda que marcada fortemente pela ação de um biopoder que estabelece noções de Ser e de Outro postas pela colonialidade e maquiadas pelo mito da democracia racial (Carneiro, 2023). Isso é ainda mais evidente, diante do fato de a questão étnico-racial ser, por vezes, negligenciada nos estudos brasileiros que se dedicam a discutir as dinâmicas da organização urbana (Campos, 2012).

Desse modo, há um processo de fabulação que é proposto de modo diferente do expresso por Hartman – com outras referências, mobilizações e construções de individualidades e coletividades –, mas que, em muito, flerta com o que propõe a autora, quando consideramos sujeitos que se colocam como aptos a reimaginar/recontar o agora, em suas músicas, e, no documentário, recontar a história “já contada”, até mesmo por eles. Eles fabulam, a partir do que eles experimentam e do que imaginam, sonham para si e para suas comunidades. Eles cultuam os que já se foram e atribuem novas narrativas ao passado, com novos fins, novas possibilidades de existir para os seus – vivos e mortos. Pensar em fabulação é um movimento que reúne o ficcional e o histórico para imaginar o que não pode ser verificado, reivindicar suas vidas no presente e elaborar uma biografia coletiva dos sujeitos imersos naquela realidade.

### 3 Metodologia

Nesse aspecto, metodologicamente, baseados na trama teórica que nos antecede, propomos a formulação de uma tabela que reúne três eixos centrais na nossa análise. Entendemos como ponto chave pensar sobre os modos nos quais as “subjetividades” de homens e meninos negros de periferia

---

4 A exemplo disso, podemos refletir sobre o que aciona Tricia Rose (2021) quando afirma que o *hip hop* surge em um contexto pós-segregacionista, marcando a transformação de territórios, tecnologias e culturas abandonadas em recursos para empoderamento e satisfações dessas pessoas. A autora conta que “seus primeiros praticantes cresceram no final da Great Society, na decadência do breve compromisso dos EUA com os direitos civis dos negros e durante o início da era Reagan-Bush. No hip-hop, essas partes, pessoas e instituições abandonadas foram aglutinadas e depois unidas não apenas como fontes de sobrevivência, mas como fontes de prazer. O hip-hop replica e reimagina as experiências da vida urbana e se apropria simbolicamente do espaço urbano por meio de samples, atitude, dança, estilo e efeitos sonoros” (Rose, 2021, p. 40).



são construídas. Ocupar o rosto de alguém que vive em um território negro, pobre e periférico exige privações, resistência a violências e o desenvolvimento de habilidades estratégicas para driblar tal realidade. Assim, propomos uma leitura acerca das “construções de subjetividades”. Depois, pensamos sobre a capacidade dos sujeitos das periferias materiais e simbólicas se repensarem e construírem caminhos que resistam às violências raciais. Vimos que há um movimento de resistência que aparece no “empoderamento político” (Collins, 2019) dessas pessoas, outra chave de leitura cara para nós. Por fim, discutimos a linguagem e a arte - a poesia - como ferramentas sensíveis e revolucionárias para pensar o enfrentamento à tal violência. Em meio ao que argumentamos, encontramos nossa última chave, a “fabulação crítica”, que aparece como uma possibilidade de propor novas leituras acerca de suas realidades e histórias. O Racionais vive o agora, ao passo em que também viveu “agoras” que já não estão mais aqui. Nos momentos de dificuldade, dar nome, história, produzir os seus como heróis é um impulso fabulatório.

Desse modo, considerando a extensão do documentário, o alinhamento com a trama teórica neste trabalho e o espaço que possuímos para a construção deste texto, optamos por observar o álbum “Raio X do Brasil”, conforme veremos na próxima seção.

#### **4 Análises**

O álbum “Raio X do Brasil” veio a público em 1993, com as músicas: Introdução, Fim de Semana no Parque, Parte II, Mano na Porta do Bar, Um Homem na Estrada, Juri Racional, Fio da Navalha e Agradecimentos. Ali, eles contam que, apesar da ascensão de suas carreiras, o processo de “chegar no coração” dos públicos almejados (pessoas pretas, pobres e de favela) foi marcado por racismo e muitas dificuldades para acessar espaços – algo que se estendia aos que frequentavam os seus *shows*. As falas sobre essa obra se dão entre a minutagem 00:27:57 e 00:50:07 do documentário e são apresentadas a seguir no Quadro 1.



**Quadro 1 – Raio X do Brasil (1993)**

<b>Construção de subjetividades</b>	<b>Empoderamento político</b>	<b>Fabulação de suas histórias</b>
Mano Brown: Estamos armados e perigosos. Quem quiser vem. Tipo assim, tudo pensamento de quadrilha. E por isso que tomou essa fama.	KL Jay: Na época, muitos pobres... Os pobres e pretos se identificavam pra caralho.	Mano Brown: Naquela época, a gente gostava de fumar um baseado na marginal, ouvindo Jorge Ben na fita. Eu falei “Pô, eu queria ser igual a esse cara, tá ligado? Eu queria cantar assim”. Eu conseguia visualizar a minha quebrada ouvindo as músicas dele, entendeu? Não é tão fácil você conseguir agregar uma ideia mais política com um ritmo mais dançante, era um conhecimento que a gente não tinha ainda, entendeu? O vocabulário do cara era foda e o vocabulário dele já vinha com ritmo. Eu me liguei num vocal bem de dentro, no meio da harmonia, assim: [cantando] Carol, Carolina...”. Eu falei “Nossa! Isso é muito louco” Isso é árabe, esse vocal é árabe. Foi à África!” Essas músicas que fizeram a minha cabeça, durante a feitura do disco “Raio X do Brasil”.
Ice Blue: Quando eu comecei a receber esses meus cachês misturados com dinheiro de disco, eu não sabia nada... Eu falei “o que que eu vou fazer com esse dinheiro?”. O Milton colocou o dinheiro na mesa, eu falei “Nossa, Milton, o que é isso? Vou com esse dinheiro onde? Não, mano, não vou andar esse dinheiro aí, não. Pelo amor de Deus, não vou andar com esse tanto de dinheiro por aí, não!”. “Esse dinheiro é seu!” Eu falei: “Nossa! Meu dinheiro? Todo esse dinheiro é meu?” Quando comprei uma moto zero, cheguei com ela sem placa, e os caras falando: “Mano, vai ostentar? Os caras não vão entender!” Eu falei “Meu, só porque nós é negão, político, não pode ter um carro legal? Não pode ter uma moto legal? Que porra é essa? Então, eu vou sair dessa porra, virar criminoso e ter meus bagulhos. É isso? Então, posso andar na minha moto? Não comprei com dinheiro de ninguém, comprei com meu dinheiro. Legal?” Tudo bem. Ai, quando os caras pensavam que não, lancei uma caminhonete Silverado verde! Uau! Falei “Putá, precisava comprar um carro para levar minhas motos, mano”.	Mano Brown: Essa foi a grande revolução, foi quando o popularizou.	Mano Brown: Furou o primeiro bloqueio, que foi entrar na periferia. Até então, não entrava. Quem se interessava por aquelas ideias? “Voz Ativa”, “Negro Limitado” ... Alguns estudantes, alguns professores, alguns entendidos... Alguns. Sempre alguns. Quando gravou “Homem na Estrada”, desbloqueou.



Construção de subjetividades	Empoderamento político	Fabulação de suas histórias
Mano Brown: Eu já estava morando na Cohab. Quando eu achei que a minha vida ia ficar melhor, morando na Cohab, eu descobri que podia ser pior. A Cohab era mais dura mesmo, apesar de ter asfalto. Era menos romântico, entendeu? Aconteciam coisas estranhas.	Ice Blue: Chegamos na delegacia, o delegado, tipo, apavorado “quem é o responsável por isso aqui? Quem é o polícia que está no comando? Olha o problema que você trouxe para a minha delegacia. Têm três advogados, um senador, dois deputados e o prefeito me ligando”. Foi aí que o Racionais mostrou força.	Mano Brown: Aí, eu consegui entrar no coração do brasileiro, entendeu? Na alma do brasileiro. Como é que você vai falar de negro e branco, pobre e rico para um brasileiro? Ele não é do Bronx. Ele não nasceu com o banheiro escrito “não entra preto e não entra branco”, entendeu? É outra visão, é outra sensibilidade, tá ligado?
Serafim (gravadora Zimbabwe): Todo mundo feliz, porque as músicas estavam tocando, a gente vendendo os LP... O Brown “Ô, Serafim é o seguinte: preciso falar com você. Pô, Serafa, acontece o seguinte, cara: tô chateado, hein, cara? Pô, que merda, Serafa! Pô, que porra e essa? Tá tocando em tudo quanto é rádio a minha música... Tá tocando numa rádio de boy, tá tocando... Até em rádio de padre tá tocando. Eu não fiz minha música para tocar em tudo quanto é lugar. Por que eles estão tocando? Eu quero que você liga para os caras lá tirar a minha música do ar”. Eu falei “Eu não tenho poder nem pra colocar! Como é que eu vou agora ligar para tirar do ar?”	Ice Blue: A gente falava tudo o que eles não queriam ouvir. O jeito que a gente se comportava era, exatamente, o jeito que eles não queriam que a gente não se comportasse.	Edi Rock: Depois de tanta perseguição, o primeiro voo de avião da banda e tal... Porra... Estamos aqui, ó, chegamos, né, cara? Né? Não é possível, cara... Foi com o Racionais, né? Nunca tinha voado.
Mano Brown: Mobilizava toda a delegacia do bairro em que eu ia cantar, tá ligado? Os caras falavam assim “qualquer um pode cantar aqui, menos essas caras. Esses caras, dentro do meu distrito, eles não cantam”. Era questão de honra pros policiais da época. “Pode vir quem quiser, menos esses caras aí”. Risco de tomar tiro na saída, irmão.		Edi Rock: E a gente gravou isso e a gente fazia show. A gente cantava isso, o público repetia isso, 50 mil pessoas repetiam isso, 100 mil pessoas repetiam isso. Num show no Anhangabaú, por exemplo, que a segurança era a polícia, e o público cantando “não confio na polícia, raça do caralho”. O que que acontece? Acabava o caralho do show. A polícia acabava com o caralho do show, entendeu?
Ice Blue: E por isso que tomou essa fama. “Ah, os caras, o Racionais... Ah!”, porque a gente chegava nos lugares, eram lugares hostis. Nós não fomos tocar da ponte pra lá, a gente ia tocar no Fundão, onde tava pegando mesmo, onde tava pegando os negócios. Então, não adianta a gente chegar lá [despreparado, desarmado] ... Não. Tinha que chegar chegando, pronto.		Dona Lourdes (mãe do Iceblue): Eu estava na cozinha, o telefone toca “fala para o seu filho que a gente vai matar ele, ele vai aprender a não falar mais de polícia. Eles tão pensando que eles são muito grandes”. Aí, eu disse “antes de você matar ele, você vem matar eu primeiro”. Meu pai espiritual se chama Ogum-de-Lei. É ele quem toma conta de nós.

**Fonte:** Elaboração própria, 2025



No que toca aos modos como esses homens experienciam o mundo e nutrem a relação com sua subjetividade, primeiro, nos chama atenção a necessidade de estarem constantemente em alerta, armados e temendo o perigo. Eles, diversas vezes, contaram sobre a necessidade de estarem munidos, prontos para um iminente conflito com a polícia, que, além deles mesmos, poderia vitimar seus públicos. Podemos observar um retrato dessa realidade na música *Um Homem na Estrada*:

A Justiça Criminal é implacável  
Tiram sua liberdade, família e moral  
Mesmo longe do sistema carcerário  
Te chamarão para sempre de ex-presidiário  
Não confio na polícia, raça do caralho!!!  
Se eles me acham baleado na calçada  
Chutam minha cara e cospem em mim  
(Um Homem na Estrada, Racionais MC's)

Ainda é interessante refletir sobre como certos acessos se tornaram possíveis para esses homens, como a primeira viagem de avião ou a aquisição de uma moto — experiências que, por muito tempo, estiveram completamente desvinculadas das vivências negras e periféricas. Ao transformar a dor e o sofrimento em arte, o grupo conseguiu romper essas barreiras e alcançar esses espaços-outros, desenvolvendo outra relação (e tensionamentos que também emergiram) com as possibilidades de ascensão social e econômica. Obviamente, podemos observar realização e conquista ali, mas também aparece um conflito: como lidar com os que, na favela, não têm o mesmo acesso?

Nesse caminho sobre o empoderamento político, nas imagens trazidas pela obra, chamam a atenção os modos com os quais os públicos são mobilizados pelos discursos acionados pelo grupo. Em certo momento, em um *show* que ocorreu em um lugar aberto, situado em algum lugar pobre, eles mencionam a Zona Sul e, automaticamente, são aclamados pelos que os prestigiam. Essas pessoas demonstram orgulho, pertencimento e se apropriam de uma identidade, por muito tempo “criminalizada”. No trecho em questão, os artistas cantavam a música *Fim de Semana no Parque*. Em termos gerais, a canção nos conta das discrepâncias entre um fim de semana em localidades que possuem maior poder aquisitivo em detrimento de outras imersas em condições de maior vulnerabilidade.

Até então, nos álbuns anteriores, vimos uma perspectiva narrada da história — o que também é muito valioso, conforme nos contam Collins (2019) e Lorde (2019). Porém, no “Raio X do Brasil”, temos um movimento que se aproxima intimamente dos sujeitos que vivem às margens de São Paulo e, de modo mais específico, na Zona Sul.



O grupo é composto por dois membros da Zona Sul da cidade de São Paulo<sup>5</sup> e que, não coincidentemente, foram criados sem a presença de seus genitores e em que tiveram infâncias muito difíceis. No que diz respeito aos outros dois membros, temos pessoas negras e pobres e, mesmo que com mais acessos que Ice Blue e Mano Brown, ainda viveram suas questões. Para além desse lugar teorizado da vida periférica, é interessante perceber aqui o lugar vivido, o lugar experienciado e em condições específicas.

No mesmo caminho, podemos pensar na estruturalidade do racismo e na ideologia que o mantém, quando Mano Brown diz sobre o álbum: “aí, eu consegui entrar no coração do brasileiro [...]. Como é que você vai falar de negro e branco, pobre e rico para um brasileiro? Ele não é do Bronx. Ele não nasceu com o banheiro escrito ‘não entra preto’ e ‘não entra branco’, entendeu?”. O racismo à brasileira se sustenta em estruturas sociais e ideologias que perpetuam desigualdades, se afastando da falácia da democracia racial. Para sua manutenção, ele depende do apoio e do silenciamento dos grupos que são violentados por ele, como parte de uma armadilha, que engana, distrai e corrompe sua presa, a fim de vitimá-la.

De fato, o Capão Redondo<sup>6</sup> não é o Bronx. É comum que o grupo mencione suas referências internacionais se referindo a pessoas desse território<sup>7</sup>, mas é interessante e valioso para nós percebermos como essa fabulação (Hartman, 2019) exige desses homens recursos críticos que, muitas vezes, extrapolam o lugar da memória e demandam a busca de uma inventividade que precisa ser maturada, construída, antes de qualquer outra coisa. Esse processo, conforme ele explica, se dá com seus públicos, mas, em determinado momento, certamente, também ocorreu com o grupo: pessoas negras periféricas brasileiras, em geral, não são criadas cientes das dimensões políticas de seus corpos. Existem o terror, a miséria, a ausência de acessos... Existem uma autopercepção enquanto também existe uma percepção externa que caracteriza sujeitos-outros (“eu sou pobre, mas existe um rico”; “eu não sou bem recebida aqui, outra pessoa é”). Esse processo de fabulação ocorre de modo específico, frente à necessidade de leitura dignificante sobre si mesmos e os seus – narrativa frequentemente distanciada de seus corpos, frente à ação do dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023).

Ainda nesse caminho, logo quando começaram a falar sobre esse produto, Mano Brown explica que, naquele momento (início da década de 1990), ele ouvia muito Jorge Ben Jor e, com isso, tomou o cantor uma referência para pensar a sonoridade do álbum. Podemos ver tal impacto

---

5 Mano Brown e Ice Blue nasceram na zona sul de São Paulo, enquanto KL Jay e Edi Rock são oriundos da zona norte. Todos vieram de contextos marcados pela pobreza, embora Brown e Blue tenham vivido experiências mais diretamente atravessadas pela precariedade e pelas vulnerabilidades urbanas.

6 O Capão Redondo é um distrito da zona sul de São Paulo, reconhecido como uma favela e local de origem de integrantes do Racionais MC's (Mano Brown e Ice Blue). O bairro tornou-se uma das referências simbólicas mais fortes do grupo, por representar as vivências de desigualdade, resistência e identidade periférica que atravessam suas obras.

7 Ainda no documentário analisado, Mano Brown relata: “quando a gente começou a ter ambição pelo lance do rap, automaticamente, o Public Enemy e a gente, sem eles saberem que a gente existia, passou a ser uma coisa só, entendeu? Onde o Public Enemy andar, eu quero andar também, mesmo que de longe, em pensamento, tá ligado? Aí, começaram a vir esses nomes, né? Malcom X, não sei o quê”.



nos públicos, quando vemos essas pessoas dançando e se divertindo, ouvindo esse som, mesmo em meio a territórios precários, ou seja, temos nesses espaços a concretização de planos de fuga. Ali, esses sujeitos podiam existir, dançar, sorrir e, quem sabe, ainda que por minutos, se esquecer da realidade violenta, imersa em precariedades da periferia.

A partir desses relatos, podemos pensar sobre o *rap* como um instrumento de empoderamento nas vidas de jovens periféricos, devido à transformação que ele promove na vida desses sujeitos. Foi assim com o Racionais MC's, na década de 80, e com outras pessoas que vieram, vêm e estão por vir nessa cena musical.

## **5 Considerações finais**

Neste artigo, buscamos traçar um percurso que lança luz sobre a relevância da experiência no feminismo negro e o diálogo das vivências dessas mulheres com as de outros grupos sociais. Nesse contexto, refletimos sobre como a maternidade e a infância masculina são temas interligados e de interesse para pesquisadoras, como hooks (2022). Em seguida, analisamos como o racismo molda a masculinidade na juventude. A partir da necessidade de expressão desses jovens, abordamos o *hip hop* e o *rap* (hooks, 2019). Por conseguinte, exploramos a relevância da poesia (Lorde, 2019), essencial para o *rap*, e, por fim, a fabulação (Hartman, 2022), vista como um método contra-histórico e uma forma de resistência das narrativas marginalizadas.

A partir dessa trama teórica e do movimento metodológico proposto, com a formulação de uma tabela que reúne três eixos centrais na nossa análise – subjetividades construídas (hooks, 2022), empoderamento político (Collins, 2019) e fabulação das suas histórias (Hartman, 2022) –, identificamos que a apresentação do álbum “Raio X do Brasil”, no documentário “Racionais: Das Ruas de São Paulo pro Mundo”, demonstra como, a partir da leitura da obra dos Racionais MC's, orientada por autoras feministas negras, torna-se possível compreender como o racismo atua na construção das subjetividades ali apresentadas, especialmente quando se analisa a infância e juventude de seus integrantes, marcadas por ausências, exclusões e violências. Ao mesmo tempo, o grupo se inscreve como agente de transformação ao utilizar o *rap* como instrumento de empoderamento, produzindo discursos que desestabilizam lógicas coloniais postas e convocam à ação coletiva. Por fim, ao mobilizar elementos da musicalidade negra brasileira e propor zonas de escape e reinvenção, dentro dos territórios de precariedade, os Racionais constroem uma fabulação, que tensiona a realidade e abre frestas para imaginar outras possibilidades de existência. Essa tríade – subjetividade, empoderamento e imaginação – torna-se, assim, uma chave potente para ler a obra do grupo e compreender seu impacto nas juventudes negras periféricas do Brasil.





## Referências

- BISPO, Silvana Santos. *Feminismos em debate: reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador (1978-1997)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2011.
- CAMPOS, Andreilino de Oliveira. Questões étnico-raciais no contexto da segregação socioespacial na produção do espaço urbano brasileiro: algumas considerações teórico-metodológicas. In: SANTOS, Renato Emerson dos (org.). *Questões urbanas e racismo*. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: ABPN, 2012, p. 68-103.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 17, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/9948> . Acesso em: 08 out. 2025.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, Florianópolis, v. 31, n. 1, jan./abr., 2016.
- COLLINS, Patricia Hill. Por uma política de empoderamento. In: COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 490-518.
- D'ANDREA; Tiaraju P. Trabalho e periferia na obra dos Racionais. In: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline L. (org.). *Racionais MC's entre o gatilho e a tempestade*. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 232-255.
- FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.
- GUIMARÃES-SILVA, Pâmela. *De Lélia Gonzalez a Marielle Franco: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência*. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo Afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. São Paulo: Fósforo, 2022.
- hooks, bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidades*. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.
- hooks, bell. Comendo o outro: desejo e resistência In: hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019, p. 56-82.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. São Paulo: Autêntica Editora, 2019.
- ROSE, Tricia. *Barulho de Preto: Rap e Cultura Negra nos Estados Unidos Contemporâneos*. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2021.
- RACIONAIS: Das ruas de São Paulo pro Mundo. Direção: Juliana Vicente. Brasil: Netflix, 2022.



RODRIGUES, Jéssica Silva; NUNES, Larissa Ferreira; BARROS, João Paulo Pereira. Feminismo negro decolonial como metodologia inter(in)ventiva de pesquisa em Psicologia. *Anais do XI Simpósio Brasileiro de Psicologia Política*. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: [www.even3.com.br/anais/sbpp/381815-FEMINISMO-NEGRO-DECOLONIAL-COMO-METODOLOGIA-INTER\(IN\)VENTIVA-DE-PESQUISA-EM-PSICOLOGIA](http://www.even3.com.br/anais/sbpp/381815-FEMINISMO-NEGRO-DECOLONIAL-COMO-METODOLOGIA-INTER(IN)VENTIVA-DE-PESQUISA-EM-PSICOLOGIA) . Acesso em: 16 jun. 2024.



**Biografia acadêmica**

Maria Fernanda de Oliveira Ruas - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: [amaferuas@gmail.com](mailto:amaferuas@gmail.com)

**Financiamento**

À época da escrita da dissertação, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); atualmente, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

**Aprovação em comitê de ética**

Não se aplica

**Conflito de interesse**

Nenhum conflito de interesse declarado

**Contexto da pesquisa**

O artigo é originado da dissertação: RUAS, Maria Fernanda de Oliveira. Somos o que somos, cores e valores: a apropriação do território periférico como contra-dispositivo de racialidade, na obra do Racionais MC's. 2025. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/78487787-58dc-4c57-804e-44d86777d283>. Acesso em: 06 out. 2025.

**Direitos autorais**

Maria Fernanda de Oliveira Ruas

**Contribuição de autoria (CRediT)**

Não se aplica

**Licenciamento**

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

**Modalidade de avaliação**

Avaliação Duplo Cego

**Editores responsáveis**

Altemar Di Monteiro  
Anderson Feliciano

**Histórico de avaliação**

Data de submissão: 15 jul. 2025  
Data de aprovação: 23 set. 2025